

**DIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA****2022.03.01****DISCURSO SENHORA PRESIDENTE DO CONSELHO GERAL  
DRA. GABRIELA FIGUEIREDO DIAS**

Magnífico Reitor,

Senhor Secretário Geral da Organização das Nações Unidas e vencedor do Prémio Universidade de Coimbra, Engenheiro António Guterres,

Senhor Apresentante do Laureado, Prof. Doutor Pedro Gonçalves

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Doutor José Manuel Silva

Senhora Representante do Santander Universidades Portugal, Dr<sup>a</sup> Cristina Dias Neves

Senhor Presidente da Direção Geral da Associação Académica de Coimbra

Senhor Presidente da Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra  
Excelentíssimas Autoridades civis, militares e religiosas

Senhoras e senhores membros dos órgãos de gestão da Universidade de Coimbra,

Senhoras e senhores alunas e Alunos, Docentes e membros do Corpo Técnico da Universidade de Coimbra

Excelentíssimas Senhoras e excelentíssimos Senhores,

É para mim uma grande honra participar, mais uma vez, nas celebrações do Dia da Universidade de Coimbra, assinalando o seu septingentésimo trigésimo segundo aniversário.

Tratar-se-ia sempre, em qualquer caso, de um motivo de grande honra e de orgulho participar nesta cerimónia, que se repete todos os anos nesta data e nos chega sempre

vestida de festa, de orgulho e de emoção, celebrando a história, os sucessos e a vida de uma das Universidades mais antigas da Europa e do mundo.

Este ano, contudo, esta celebração assume alguns contornos particulares, que fazem dela um momento de especial emoção.

A primeira das razões pela qual esta celebração é, este ano, especial tem que ver com o momento em que ocorre, e que parece colocar-nos no final de dois longos e muito duros anos de pandemia. Este aniversário marca, pois, também, a aproximação do fim de um tempo de medo, de distanciamento, de perda, de ausência, de transfiguração das rotinas, dos modelos de trabalho e da vida em geral.

Voltarmos a poder reunir-nos nesta sala, a poder ser próximos, a recuperar a nossa humanidade, que só o é quando somos com os outros; podermos celebrar juntos, depois de tanta ausência, de tantas ausências definitivas, ao mesmo tempo que retomamos progressivamente uma velha normalidade, pontuada, todavia, por todas as profundas transformações e evoluções que a pandemia determinou, é, em si mesmo, um motivo de emoção e de celebração. Por tudo o que nos fez descobrir, inventar, resistir, e por aquilo que este regresso significa para cada um de nós, para as famílias, para o sermos uns com os outros, para a economia, para a sociedade. Para o país e para o mundo.

Mas este regresso a um lugar que se vai aproximando da normalidade tem, e tem de ter, um significado especial para a Universidade. A Universidade de Coimbra celebra hoje também, para além do seu aniversário, um legítimo sentimento de superação e de vitória improvável sobre a mais imprevista e mais impreparada das crises sanitárias, e sobre todos os inimagináveis obstáculos e perplexidades que a mesma essa crise colocou à instituição. Em dois anos, a Universidade, mostrando uma resiliência e uma capacidade jamais imaginada de adaptação e de transformação, provou que está viva e foi capaz, perante a maior das adversidades, de se reinventar e de crescer, em transformação e em serviço, para além dos limites que a pandemia lhe quis impor. A Universidade de Coimbra que irá sair desta crise, quando pudermos dizer que acabou, será, como as pessoas, uma Universidade com marcas profundas, mas mais robusta, mais coesa e mais consciente da sua própria capacidade de resistir e de se renovar na adversidade.

Mas o desafio não termina aqui. O momento em que a intensidade da emergência se dilui e passamos a poder respirar fundo é também o exato momento de começar a construir o futuro sobre as lições e os enormes avanços que esta crise proporcionou.

Ou melhor dito: as lições e os enormes avanços em que a Universidade soube transformar os desafios e os obstáculos quase insuperáveis que a pandemia colocou à instituição, a todos os níveis. É altura de assumir e enfrentar todas as fragilidades e vulnerabilidades – científicas, metodológicas, políticas, económicas, sociais – que a crise sanitária veio expor, e não as ignorar. É o momento de traduzir em valor tudo o que a Universidade soube aprender e criar ao longo destes dois anos.

Em março de 2020, não imaginávamos que teríamos pela frente a maior e mais global das crises pandémicas, e que em 2021 estaríamos a celebrar o Dia da Universidade em modo virtual, circunstância reveladora da violência e da transformação que a pandemia determinou.

Em março de 2021, não poderíamos acreditar que em março deste ano estaríamos a celebrar o Dia da Universidade em modo de espanto, incredulidade e enorme apreensão perante a evolução insólita e muito perigosa de uma guerra abjeta e determinada por motivações absurdas.

Por essa razão também, o aniversário da UC é, este ano, marcado por um contexto particular. Depois da crise pandémica, que nos pediu resiliência, criatividade, solidariedade e transformação, a eclosão de uma guerra bárbara em pleno século XXI determinada por motivações medievais, exige de todos os cidadãos, dos decisores políticos, das nações – e também das instituições e da nossa Universidade –, total união, coesão feroz, firmeza e um extraordinário sentido de propósito para a reafirmação dos valores da civilização e da paz.

A pandemia e a guerra, duas crises brutais em sequência a abaterem-se sobre o mundo naquele que deveria ser o mais avançado e civilizado e, por isso, o mais solidário, inclusivo e promissor dos tempos, dão que pensar. Devem levar a Universidade a refletir sobre o seu papel na investigação científica e as suas prioridades, na formação de cidadãos orientados pelos mais robustos princípios humanistas, na necessidade de embutir os mais elevados princípios éticos na preparação de profissionais, na governação das instituições. Obrigam a Universidade a refletir sobre o seu contributo para a construção de sociedades justas e inclusivas e sobre o seu propósito, e a organizar-se em função dele.

Não surge por acaso, neste contexto, a distinção do Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, António Guterres, pela atribuição do Prémio Universidade de

Coimbra 2021, decidida por um júri que tive a honra de integrar. Não me cabendo a sua apresentação, é, todavia, inevitável esta referência, como mais um fator de particular emoção das celebrações deste ano.

A história vinha-nos já conduzindo para um lugar sem retorno, onde valores como a coesão, a inclusão, o respeito pelos direitos humanos, a diversidade, a igualdade e a sustentabilidade evoluíram para objetivos e, daí, para propostas muito concretas e disruptivas de ação, visando a proteção das pessoas e do planeta e a paz entre os povos. Valores que a crise pandémica de que esperamos estar a sair e o cenário grotesco de guerra em que estamos a mergulhar colocam em evidência e tornam mais fundamentais do que nunca. Estratégias e ações que foram sendo progressivamente adotadas pelas instituições, públicas e privadas, pelos decisores políticos e pelos cidadãos, que se tornam, estes últimos, cada vez mais exigentes nas suas escolhas educativas, políticas, financeiras, etc., rejeitando produtos, serviços ou soluções que não contribuam positivamente para a afirmação daqueles valores.

Mas foi a visão, a voz e a ação de António Guterres, sobretudo enquanto Secretário Geral da ONU, que permitiram uma estruturação, divulgação e afirmação daqueles objetivos nunca antes conseguida. Foi sob a liderança, a visão e a determinação de António Guterres que a proposta da ONU relativa aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a proteção dos direitos humanos, a inclusão, a diversidade, a proteção das minorias e a sustentabilidade ganharam projeção e uma afirmação a nível planetário, induzindo uma transformação global das políticas, da regulação e dos modelos de negócio, a par com uma revolução cultural e de mentalidade. Foi pela sua liderança persistente e inspiradora que vimos um avanço impressionante, num curto espaço de tempo, na conceção de medidas e implementação de ações com vista ao cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Hoje é, por isso, um dia ainda mais especial para a Universidade de Coimbra. Ao distinguir o Engenheiro António Guterres com o Prémio Universidade de Coimbra 2021, a Universidade distingue-se também a si mesma, por saber reconhecer, no tempo certo, alguém que ficará na história como o principal responsável pela difusão dos valores da inclusão, justiça, igualdade e sustentabilidade e pela sua ação para a transformação dos mesmos em políticas e ações de impacto.

>>>

Cumprem-se hoje 732 anos desde a instituição desta Universidade. São mais de 7 séculos de história, protagonismo e serviço prestado ao ensino, a gerações de alunos, à investigação, ao debate e discussão, à formação de consciência política e de cidadania, de construção de um património edificado e de conhecimento absolutamente únicos.

No aniversário da UC, como em todos os aniversários, celebra-se o tempo. O tempo decorrido, os obstáculos superados, os sucessos alcançados, a história cumprida. O tempo que atravessou, ao longo dos anos, e aquilo que o tempo fez da Universidade de Coimbra: uma escola de prestígio, uma referência intelectual, um berçário de ideias, descobertas, resistências e avanços científicos, artísticos, políticos, humanistas, intelectuais.

No aniversário da UC, como em todos os aniversários, celebram-se os vários tempos: o tempo passado, o tempo cumprido, o tempo-promessa, o tempo oportuno, o tempo integrado. O tempo do devir, e aquilo que a Universidade souber fazer de todos esses tempos.

Reitero, contudo, o que exatamente há um ano afirmei a propósito do aniversário da UC e da forma como a vejo necessariamente posicionar-se no tempo: a história desta Universidade tem de ser uma história do tempo presente, com os olhos no futuro, sem espaço para tempo perdido.

A história extraordinária da Universidade de Coimbra é uma história de prestígio, de saber e de serviço. Mas traz com ela uma responsabilidade maior: a de preservar esse prestígio ímpar e de o fazer crescer, posicionando-se com lucidez no tempo presente e com clarividência, pragmatismo e sentido de propósito no tempo oportuno do devir.

O Conselho Geral da Universidade de Coimbra, que aqui represento, tem consciência da importância de todos estes tempos. Por isso, enquanto órgão de governo a quem cabe definir o desenvolvimento estratégico da Universidade, a sua orientação e a sua supervisão, o Conselho Geral iniciou uma reflexão estratégica sobre a competitividade e o futuro da Universidade de Coimbra, visando ligar o seu passado ao seu futuro através de uma avaliação rigorosa do seu tempo presente. Uma avaliação desassombrada e despida de pré-compreensões é fundamental para ser útil, e para permitir à Universidade

não perder o comboio da evolução tecnológica, cultural, social, demográfica, de mentalidade. Para não perder o tempo oportuno.

O contexto em que a Universidade de Coimbra olha hoje para o futuro é um contexto muito particular, sob pressões de diversa ordem, fustigado por ameaças internas e externas de várias fontes e naturezas.

A capacidade de competição com outras escolas e com outros polos de saber, e o contributo real que possa dar para a criação de valor no ensino e para a comunidade, dependem necessariamente do rigor e da acutilância da avaliação que a Universidade conduza sobre o seu contexto e sobre si própria. O apuramento permanente de instrumentos de gestão avançados e adequados à realidade da universidade para conduzir essa avaliação é, efetivamente, crítico, como crítica é capacidade de utilização eficaz desses instrumentos, evitando padrões de gestão eventualmente sofisticados, mas desajustados à realidade específica da Universidade.

Tão importante quanto esses instrumentos é, todavia, o posicionamento da Universidade perante essa necessária avaliação. Lucidez, clarividência, humildade e uma noção muito clara do outro, dos outros, são condição fundamental para se situar no tempo presente e traçar o caminho a fazer no tempo futuro.

Atratividade, reconhecimento, inclusão, serviço, inovação, diversidade, relação com a cidade e com a comunidade, internacionalização, sustentabilidade são apenas alguns, mas importantes, fatores de avaliação e projeção da Universidade no seu tempo e no tempo futuro. São, por isso mesmo, também alguns dos mais importantes vetores de reflexão e trabalho identificados pelo Conselho Geral da Universidade de Coimbra para o seu mandato, e relativamente aos quais o Conselho Geral se encontra já em plena laboração, através das suas Comissões.

O Conselho Geral assumiu, pois, plenamente a sua missão de órgão de apoio ao projeto da Universidade e a sua responsabilidade enquanto órgão estratégico, encontrando-se a trabalhar para o desenvolvimento desse projeto, num exemplo de concretização, de relação intensa com o exterior e de colaboração entre os seus membros internos e externos. Disso são um exemplo visível, ainda que não o único, três iniciativas de largo espírito, com e para o público em geral, já concretizadas pelo atual Conselho Geral no seu primeiro ano de funcionamento: o evento ‘Sustentabilidade e Património: Desafios do Turismo’; o evento ‘Inovação@UC’; e o evento ‘Investigação no Ensino Superior:

como e para quê?", que reuniram, no seu conjunto, cerca de 40 oradores internos e externos, nacionais e internacionais, e mais de 1000 participantes, colocando em discussão pública temas críticos para o crescimento e o futuro da Universidade de Coimbra.

O Conselho Geral está, pois, plenamente ao serviço daquilo que consideramos ser em si mesmo um objetivo estratégico: aprofundar a ligação entre a Universidade e a comunidade, assumindo plenamente uma visão integrada da Universidade e da sua realidade e contexto, a única que permite a geração de valor para a comunidade e lhe atribui, dessa forma, sentido, propósito e legitimidade.

>>>

Neste exercício, e no trajeto de relevância crescente que todos almejamos para a Universidade de Coimbra, acreditamos, todavia, que avaliação do *status quo* interno da UC é claramente insuficiente. Para ser útil, essa avaliação deve ser permanentemente efetuada à luz do contexto e à luz da capacidade de criação de valor para o outro.

Não é possível avaliar a atratividade sem a medir face a outras Universidades. Não é útil avaliar o número e a origem geográfica dos alunos captados pela Universidade sem entrar em linha de conta com considerações de ordem política, económica e demográfica. Não faz sentido investir na inovação se ela não se traduzir em impacto para a comunidade. Erraremos se tentarmos avaliar a capacidade de captação de alunos, docentes e investigadores sem considerar aquilo que a cidade e a região oferecem. Não é útil avaliar o histórico sem trabalhar o futuro.

A avaliação da UC em si mesma, descurando o aspeto essencial do serviço que efetivamente presta e a forma como se posiciona no seu contexto, seria sempre curta. Tal como o ser humano, nenhuma Universidade ou instituição é uma ilha, mas uma realidade colaborativa, integrada num sistema, dinâmica, metamórfica, continuamente moldada pela sua circunstância.

O tempo atual e o tempo oportuno não permitem hoje a nenhuma instituição, e bem assim à Universidade de Coimbra, nenhum tipo de distração egocêntrica nem qualquer avaliação errada da sua realidade. Pelo contrário, obrigam-nas a um realismo otimista e um otimismo informado, a traduzir em ação concreta e mensurável toda a sua legítima

ambição, com objetivos perfeitamente definidos e estabelecidos em função da avaliação que faça do contexto e de si própria.

Em contexto de guerra e após uma pandemia, no dia em que prestamos homenagem a um dos principais responsáveis por uma radical alteração de mentalidades, políticas públicas e ação privada em favor da sustentabilidade, do entendimento das nações e do bem estar dos povos, é importante reafirmar o papel crítico da Universidade na germinação e florescimento da tolerância, da aproximação dos povos, da inclusividade, na criação de uma cultura de internacionalização, na promoção da diversidade e da sustentabilidade, na formação global de toda a comunidade académica de acordo com os mais robustos e elevados princípios éticos, na construção da paz.

Parabéns ao Engenheiro António Guterres, à Universidade de Coimbra e a todo os que hoje se podem orgulhar dela.

Muito obrigada.

Gabriela Figueiredo Dias

Presidente do Conselho Geral da UC

Coimbra, 1 de março de 2022